

BIANKA RODRIGUES

**QUERIDO DIÁRIO, HOJE VAMOS FALAR SOBRE
VIOLÊNCIA EMOCIONAL**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social | Jornalismo da UFV

2017

BIANKA RODRIGUES

**QUERIDO DIÁRIO, HOJE VAMOS FALAR SOBRE
VIOLÊNCIA EMOCIONAL**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social | Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ricardo Duarte.

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social | Jornalismo da UFV

2017



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social | Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Querido Diário, hoje vamos falar sobre violência emocional*, de autoria da estudante Bianca Rodrigues da Silva, aprovado pela banca examinadora constituída por:

Prof. Ricardo Gomes da Silva – Orientador
Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais

Felipe Lopes Menicucci
Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora

Robson Filho
Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa

Viçosa, 1º de dezembro de 2017.

Agradecimentos:

Agradeço a Deus e a todo tipo de energia positiva que me ajudaram a chegar até aqui. Acredito naquilo que não podemos ver. E, com certeza, coisas que não consigo ver me ampararam muitas vezes na minha longa trajetória. Não sei onde vêm, mas sou grata. Obrigada, Universo, por me proporcionar esse momento que tanto sonhei.

Ao meu pai, por ser um grande entusiasta na minha infância, quando me incentivava a aprender coisas que, na época, eu não imaginava que seriam tão importantes no atual momento da minha vida. Um artista inspirador por seus talentos.

Às minhas mães, Andreia e Nadir, que fizeram o possível para manter o meu sonho e a minha vontade de me graduar na UFV. Mesmo com tantas contradições e dificuldades. A força e a coragem têm um rosto, e é o de vocês. Espero que se sintam presenteadas com essa conquista.

A todos os meus amigos, que passaram por situações inimagináveis ao meu lado e me serviram de inspiração a todo o momento. Proporcionaram-me momentos de alegria, companheirismo, incentivo e troca.

Ao André, por me mostrar um jeito diferente de ver as coisas e a vida, estando comigo desde o momento que nos conhecemos. Por conseguir lidar com meus defeitos, minhas reclamações, angústias e aflições. Um anjo que Deus colocou em minha vida para segurar a minha mão.

Aos professores que confiaram em minha capacidade mesmo quando eu não o fazia, aos que entendiam meus momentos e estavam sempre dispostos a me ajudar, aos que enxergaram em mim algo além do que se vê. Nunca esquecerei.

À UFV e a tudo que ela proporciona: esse turbilhão de emoções e conhecimentos, que fazem a gente amadurecer tanto e sem se dar conta. Uma experiência sem igual.

E, por fim, a todos que, de certa forma, ajudaram esse projeto a tornar-se realidade.

*“Mas há uma esperança esperando na escuridão,
Você deveria saber que é linda do jeito que é.
E você não tem que mudar coisa alguma,
O mundo pode mudar de ideia.”*

Scars To Your Beautiful – Alessia Cara

Resumo:

O livro-reportagem *Querido Diário, hoje vamos falar sobre violência emocional* é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo – pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O livro aborda a temática da violência doméstica, mais direcionada para a violência emocional de pais para filhos e os danos que isso causa na vida dos violentados. Para este estudo, utilizei de artigos produzidos por diferentes profissionais, desde a área do Direito até a Educação. Na área do Jornalismo, para construção do livro-reportagem, utilizei da visão teórica de Edvaldo Pereira Lima, Sérgio Vilas Boas e Monica Martinez. Os processos metodológicos deram-se por meio de pesquisas, entrevistas, produção de perfis, elaboração de projeto gráfico, diagramação, revisão e impressão.

Palavras chave: Violência emocional. Livro-reportagem. Perfis.

Abstract:

The journal *Dear Diary, today we are going to talk about emotional violence* is an experimental project producing as a Course Completion Work to obtain a Bachelor's Degree in Social Communication – Journalism – by the Universidade Federal de Viçosa (UFV). The book addresses the issue of domestic violence, more directed to the emotional violence of parents to children and the damage that this causes in the lives of the violated. For this study, I used articles produced by different professionals, from the area of Law to Education. In the area of Journalism, for the construction of the book-report, I used the theoretical vision of Edvaldo Pereira Lima, Sérgio Vilas Boas and Monica Martinez. The methodological processes were done through research, interviews, production of profiles, preparation of graphic design, layout, revision and printing.

Keywords: Emotional violence. Book reports. Profiles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: CONVERSANDO COM O DIÁRIO	08
CAPÍTULO 1 – SOBRE VIOLÊNCIA EMOCIONAL	13
CAPÍTULO 2 – SOBRE LIVRO REPORTAGEM	16
CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO	19
3.1. Pré-produção	19
3.2. Produção	20
3.3. Pós-produção	21
3.4. Cronograma e Orçamento	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

INTRODUÇÃO: CONVERSANDO COM O DIÁRIO

Discutir sobre violência emocional no contexto familiar, mais especificamente de pais para filhos, não é fácil. O assunto é recente e veio à tona sua gravidade na década de 70, através da “síndrome da criança espancada”¹, conforme diz Abranches e Assis (2011).

Ressaltamos, neste trabalho, que não será feita distinção dos termos: violência psicológica, violência emocional, abuso psicológico e abuso emocional. Não encontramos material onde se fez a distinção dos termos². Portanto, mesmo quando citados com terminologias diferentes, terão o mesmo significado.

Parte da construção social estabelecida, prega que devemos obedecer e respeitar os nossos pais a qualquer custo. Essa é uma “ordem” imposta até pelos 10 mandamentos bíblicos, sendo o 4º que diz “honrarás ao teu pai e a tua mãe”. Não estamos dizendo aqui que discordamos das palavras da Bíblia. Mas, como se sabe, os seres humanos se aproveitam dessas construções sociais e narrativas para praticarem certos abusos de poder. Alguns pais, por exemplo, acham no direito de posse sobre sua prole. E a história nos mostra que existiram casos assim tempos atrás, quando os pais tinham total liberdade de até mesmo espancar os filhos.

No período que antecedeu ao século XVIII, surge a utilização dos castigos, da punição física, dos espancamentos através de chicote, ferros e paus às crianças. Justificavam os pensadores da época que os pais deveriam cuidar para que seus filhos não recebessem más influências. Acreditavam que as crianças poderiam ser moldadas de acordo com os desejos dos adultos. (DAY *et al*, p. 11)

A sociedade vem se transformando com o tempo, mas acreditamos que, de certa forma, esse tipo de conduta dos pais antigamente foi, de alguma maneira, passando de geração a geração. Hoje vem perdendo a força, mas não desapareceu, apenas parece ter tomado proporções menores e sutis.

Segundo dados da Fundação Childhood Brasil³, com números fornecidos pelo Disque Direitos Humanos, a maior parte das vítimas que têm seus direitos violados são meninas. No

¹ Fraturas associadas a hematomas, inexplicadas por qualquer doença de base, causadas por traumatismos infligidos às crianças por seus pais.

² Nas pesquisas realizadas através da internet, todas as nomenclaturas foram encontradas; porém com o mesmo significado. Foi realizada, também, uma pesquisa em um grupo de pessoas, no Facebook, que sofreram violência emocional; no entanto, quando foi levantado o questionamento sobre os termos, nenhuma das pessoas soube explicar uma diferença entre eles.

³ Disponível em: <<http://www.childhood.org.br/numeros-da-cao>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

ano de 2012, foi registrado uma discrepância maior; enquanto 50% eram violações contra meninas, 38% eram contra meninos e não informados eram 12%. E, o tipo de violação mais registrada em 2014 foi a negligência (74%), seguida da violência psicológica (49%). Neste mesmo ano, o Disque-Denúncia Nacional da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) registrou mais de 91 mil denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes. Ainda, segundo o site da Fundação, o número de total denúncias não condiz com o número de casos de fato constatados, mas oferece uma ideia do tamanho do problema.

Segundo a psicóloga Rosemeire Zago⁴, que trabalha autoestima e amor próprio com adultos que foram vítimas de algum trauma, existem algumas situações comuns que se configuram como sendo abuso emocional, sendo: falta de carinho, de apoio e de se sentir amado; superproteção; agressão verbal e ofensas; castigos excessivos; críticas; intimidação; manipulação; abandono temporário; humilhação; isolamento; ridicularização; desvalorização; hostilização; comparações; indiferença e desprezo; discriminação; ameaças; xingamentos; o ato de gritar; *bullying*; fazer exigências rígidas; imposição de medo extremo; ameaçar machucar a própria pessoa, as pessoas de quem ela gosta ou seu bichinho de estimação; não demonstrar interesse no que é importante para você; constrangimento em público; culpar você pelas atitudes abusivas dele; responsabilidades excessivas para a idade; presenciar violência, brigas e discussões entre os pais; rotular, ou “você é estúpido” ou “preguiçoso”, “você nunca vai ser ninguém”, “você não consegue fazer nada certo”; abandono e rejeição.

De acordo com os dados mencionados anteriormente e estudos feitos de forma independente pudemos identificar nas histórias de vida apresentadas no livro-reportagem sintomas de violações contra direitos da criança, do adolescente e do ser humano. Nosso objetivo aqui seria apontar os problemas que uma família desestruturada pode causar a um filho. Sintomas sutis identificados por meio das falas das personagens.

O projeto do livro-reportagem tem grande relevância social no que tange relações pessoais, mais especificamente as relações familiares. A família é a base da educação e do crescimento do indivíduo. O que se aprende nos primeiros anos de vida, é levado para sempre conosco. Como diz um ditado da sabedoria popular: “educação vem de berço”. A criança tem nos pais exemplos de vida e tende a segui-los. Se criadas em um ambiente hostil, violento e com pouca abertura, ou seja, num ambiente característico de violência psicológica, os danos

⁴ Disponível em: <<https://rosemeirezago.com.br/abuso-emocional-infantil/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

podem ser irreversíveis; e, seguindo a lógica de que os pais são exemplos e espelhos para seus filhos, estes terão tendências a ter personalidades e características moldadas de maneiras não muito saudáveis, podendo se tornar, posteriormente, pessoas abusivas e hostis que viram os pais serem durante toda a vida, acreditando que isso seja normal; ou muitas vezes depressivas e inseguras. Gostaria de ressaltar que não há, aqui, nenhum tipo de generalização nesse contexto, e de demonstrar que esses problemas podem afetar o desenvolvimento de toda a sociedade: um indivíduo violento pode ser um “produto” de práticas violentas em casa.

Segundo Abranches e Assis (2011), a violência é uma questão fundamental também para o setor de saúde devido ao seu impacto nas condições de vida da população especialmente quando acontece durante a infância, antes do completo crescimento e desenvolvimento humano.

Apenas há 30 anos a questão da violência psicológica recebeu atenção internacional com crescente conscientização e sensibilização de profissionais e do público em geral. Neste sentido, cerca de 90% dos trabalhos publicados são estrangeiros, sendo, em sua maioria, publicados na língua inglesa (ABRANCHES; ASSIS, 2011). Esses dados mostram que, além de a discussão ser recente, ainda é pouco estudada. Mesmo sendo uma questão de saúde pública.

No entanto, este livro-reportagem vem acrescentar conhecimento a respeito do assunto de uma forma que aproxime o leitor, por isso escolhemos contar histórias de pessoas reais que vivenciaram esses abusos. Uma história real, mesmo que de conteúdo denso, pode ser mais interessante a públicos mais diversos do que um produto que mostra somente números, que é algo que interessa prioritariamente ao público acadêmico.

A escolha do livro-reportagem como instrumento para realização do projeto dá-se pelo fato do nosso interesse pelo Jornalismo Literário e pelas possibilidades e aberturas que o mesmo oferece. Dessa forma, não será de extrema importância seguir padrões muito rígidos para que se consiga alcançar o objetivo deste trabalho e poder fazê-lo de maneira mais lírica, suave e solta, possibilitando a leitura por qualquer pessoa independente de nível social, idade e escolaridade – basta saber ler.

No campo do pensamento mítico, o Jornalismo Literário tem em comum com os primeiros contadores de histórias a riqueza imagética, isto é, a capacidade de tecer narrativas com símbolos, metáforas e imagens que são de fácil compreensão para todos. Assim, em vez de gastar linhas e linhas explicando que tal político age, digamos, sem escrúpulos, pode-se dizer que o sujeito é uma raposa. Uma pequena

palavra, mas com conteúdo tão abrangente que até uma criança a entende. (MARTINEZ, 2009, p. 73)

E, muito mais do que contar uma história e informar, a intenção desse projeto seria ajudar quem passa por essa situação seja de forma ativa ou passiva; a primeira para que repense os seus atos e desenvolva empatia e a segunda para que tome conhecimento de seus direitos e de que não precisa se submeter a nenhum tipo de abuso. E, mais importante ainda, para que busquem ajuda de um profissional que possa orientá-las, caso se encontrem em tal situação. Pois muitos dos problemas psicológicos que são desenvolvidos ao longo da vida, tem origem na criação do indivíduo. E, se temos conhecimento disso, foi porque alguém um dia estudou a causa e disponibilizou seus estudos para consulta.

No entanto, o projeto tenta contribuir jornalisticamente com uma reportagem em formato de Jornalismo Literário na construção de um livro-reportagem com relevância social e também no âmbito em que se dirige diretamente à sociedade como um todo para que tomem conhecimento de uma realidade que não é tão exposta e discutida.

Além da falta de informação sobre o assunto, ainda existe o medo em se falar sobre e até mesmo vergonha por parte dos violentados. Fatos que contribuem para o número reduzido de pesquisas.

Olhando sob um viés esperançoso, a violência, em suas diferentes facetas, como foi mencionado anteriormente, era muito mais cruel e mais comum que nos dias atuais. O progresso para que isso tenha um fim é lento, mas existe. A cada dia existe mais luta e mais vontade de fazer com que a violência pare de crescer. As pessoas estão se tornando conscientes e abrindo os olhos para os absurdos que acontecem ao redor de uma forma geral. E o jeito de fazer com que isso, de fato, diminua cada vez mais e de forma mais rápida, é disseminando e compartilhando informação. Alertando as pessoas que tenham conhecimento de que isso não é normal e que nenhuma pessoa tem direito sobre a outra.

E é com o objetivo de divulgar a informação e conscientizar o maior número de pessoas possível, que surgiu o livro-reportagem *Querido Diário, hoje vamos falar sobre violência emocional*; que contará a história de vítimas reais de abuso psicológico, tendo o cuidado de apresentar diferentes facetas que essa violência pode tomar.

Para Kramer, a meta de escrever de forma humana, equilibrada e relevante é encantadora e acessível, porém por vários motivos nem sempre ela é atingida. Por isso, no Brasil, as pesquisas do introdutor dos estudos de Jornalismo Literário, Edvaldo Pereira Lima, sugerem um campo vasto de experimentações. O professor

aposentado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e co-criador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) batizou de Jornalismo Literário Avançado esse arcabouço conceitual, que além das técnicas citadas incorpora avanços de outras áreas do conhecimento, como a psicologia humanista, a mitologia e a biologia, para facilitar a compreensão e o relato das narrativas da vida real. (MARTINEZ, 2009, p. 83)

Inicialmente, o livro seria uma única biografia. Porém, optamos por dar mais visibilidade ao problema trazendo vários casos. Para preservar a identidade e intimidade das fontes e de seus familiares, o livro conta com biografias de personagens de nomes fictícios..

Os capítulos foram divididos de acordo com previsões climáticas, tendo como base a sensação e percepção do problema que cada fonte me passou no momento da entrevista. Não cabe julgar ou mensurar o problema de cada um. Essa separação foi feita apenas com base nas entrevistas. Sendo os capítulos: Parcialmente Nublado, Pancadas de Chuva, Tempestade, Chuvas Periódicas e Predomínio de Sol. Organizamos por idade: da fonte mais nova para a mais velha, e, o ciclo climático, aconteceu de forma espontânea, por pura coincidência.

CAPÍTULO 1 – SOBRE VIOLÊNCIA EMOCIONAL

A violência doméstica (aqui vista como qualquer tipo de violência que acontece dentro de casa) é a raiz de todo o trabalho desenvolvido, pois, dentro dela, podemos observar outros segmentos de violência dentro do âmbito familiar, incluindo o assunto principal desse trabalho, a violência emocional. As que aparecem com mais frequência são as quatro seguintes: física, psicológica, negligência e sexual. Configura-se violência psicológica “toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa”; e negligência a “omissão de responsabilidade de um ou mais membros da família em relação a outro, sobretudo àqueles que precisam de ajuda por questões de idade ou alguma condição física, permanente ou temporária” (DAY et al, 2003, p. 10). Foram destacadas estas duas, pois serão os tipos estudados e relatados no projeto. Porém todas as outras citadas estão dentro do contexto da violência doméstica. “A condição de violência é, antes de tudo, uma questão de violação dos direitos humanos” (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012, p. 308).

Não se pode deixar de notar nas pesquisas realizadas o forte apelo que tem a violência contra a mulher, em específico. Não importando sua idade. Os números, os relatos e as pesquisas apontam as mulheres como as principais vítimas das violências já citadas. A verdade é triste e implacável. “Segundo estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2006, ‘violência contra a mulher’ é todo ato de violência praticado por motivos de gênero, dirigido contra uma mulher (GADONI-COSTA; DELL’AGLIO, 2010, p. 152 *apud* FONSECA; RIBEIRO; LEAL 2012, p. 308). E isso não diz respeito somente a relações afetivas.

Os perfis que estarão presentes no livro, são de totalidade feminina. Por isso, essa relação com o machismo aparece quase como “obrigatória”. E, ao contrário do que se imagina, não somente os homens são machistas, existem mulheres machistas também.

As consequências e as manifestações dessa realidade violenta são questões de saúde pública, pois causam na vítima, dependendo da idade e da intensidade, danos irreversíveis. As memórias desses atos violentos não são apagadas facilmente, portanto, o abusado tem uma carga emocional pesada e perturbadora para carregar para o resto da vida. A própria vítima não se dá conta dos danos, a mídia não acompanha esses problemas posteriores ao dano e,

assim, a sociedade vai sendo constituída de indivíduos com significativos problemas de saúde mental. Exemplos de danos que a violência psicológica pode causar são:

Danos imediatos: • pesadelos repetitivos; • ansiedade, raiva, culpa, vergonha; • medo do agressor e de pessoa do mesmo sexo; • quadros fóbico-ansiosos e depressivos agudos. • queixas psicossomáticas; • isolamento social e sentimentos de estigmatização. Danos tardios: • aumento significativo na incidência de transtornos psiquiátricos; • dissociação afetiva, pensamentos invasivos, ideação suicida e fobias mais agudas; • níveis intensos de ansiedade, medo, depressão, isolamento, raiva, hostilidade e culpa; • cognição distorcida, tais como sensação crônica de perigo e confusão, pensamento ilógico, imagens distorcidas do mundo e dificuldade de perceber realidade; • redução na compreensão de papéis complexos e dificuldade para resolver problemas interpessoais. (DAY et al, 2003, p. 14)

Esses sintomas muitas vezes são sentidos, mas não se tem muito conhecimento da origem dos mesmos. E o pior é não saber para quem ou como pedir ajuda. A negligência, por sua vez, é citada no mesmo texto do fragmento anterior, tendo como características “falha na alimentação adequada, em providenciar cuidados médicos ou em proteger a criança de perigos, atraso nas vacinas, perder documentos, deixar crianças sozinhas ou fora da escola” (DAY et al, 2003, p. 14).

Por mais gritante e aparente que sejam essas marcas na vida dos violentados, os estudos a respeito do tema são muito recentes, os primeiros têm cerca de trinta anos apenas, e, apesar disso, ainda não são encontrados em grande volume.

Falta de informação sobre o assunto, medo, vergonha, incerteza e insegurança fazem com que o tema não seja devidamente exposto e debatido por parte de quem sofre violência. Quando voltamos no ponto de que os filhos eram “objetos” de seus pais (respeitando-os e fazendo somente o que agradasse aos olhos dos mesmos) podemos ter uma noção da origem dessa insegurança. É época em que os filhos deveriam ser moldados de acordo com os padrões de seus “superiores”.

Quanto mais regressamos na história, maiores as chances de depararmos com a falta de proteção jurídica à criança, aumentando as probabilidades de que tivessem sido abandonadas, assassinadas, espancadas, aterrorizadas e abusadas física e sexualmente (...) Na Inglaterra, em 1780, “as crianças podiam ser condenadas por qualquer um dos mais de duzentos crimes cuja pena era o enforcamento”. Entre 1730 e 1779, metade das pessoas que morreram em Londres tinha menos de cinco anos de idade. Somente no século XIX, o filho passa a ser objeto de investimento afetivo, econômico, educativo e existencial. (DAY et al, 2003, p. 11)

A psicóloga Rosemeire Zago⁵ reforça que, verdadeiramente nocivo é a persistência e repetição do abuso. Ainda mais quando levamos em conta que, por volta de três anos de idade, o cérebro da criança já atingiu quase 90% do tamanho de um cérebro adulto. Se a criança é maltratada desde muito nova, quando os pais ou terceiros acreditam que ela ainda não entende o que está acontecendo, os danos acabam por ser maiores, pois a criança já vai se desenvolver traumatizada e condicionada a um ambiente hostil. Rosemeire afirma ainda que, adultos que sofreram abuso na infância tem tendência à repetição, ou seja, tendem a repetir e recriar a situação de violência que viveram.

Em seu site, Rosemeire traça um perfil dos pais abusivos: “extremamente exigentes, autoritários, críticos e, possivelmente, sofreram abuso quando criança”.

A violência psicológica sofrida por crianças e adolescentes pode causar danos ainda piores que a agressão física e o abuso sexual. Joseph Spinazzola, psicólogo clínico em Massachusetts, e sua equipe do Centro de Trauma do Instituto de Recursos da Justiça utilizaram informações da Rede Nacional de Traumas e Estresse Infantil (NCTSN, sigla em inglês) para fazer análise de 5.616 crianças e adolescentes que sofreram abuso psicológico, físico e sexual. Cerca de 60% tinham histórico de violência psicológica; aproximadamente 24% sofreram exclusivamente esse tipo de violência, que inclui, segundo os pesquisadores, assédio moral por parte do cuidador, imposição de medo extremo, controle coercitivo, insultos graves, humilhações, ameaças, exigência extrema, rejeição e isolamento. Foi, então, constatado que aqueles que passaram por situações de violência psicológica tendiam a sofrer de ansiedade, depressão, baixa autoestima, sintomas de estresse pós-traumático e a apresentar risco de suicídio em maior nível do que os que sofreram violência física ou sexual⁶.

⁵ Disponível em: <<https://rosemeirezago.com.br/abuso-emocional-infantil/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

⁶ Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/abuso_psicologico_pode_causar_traumas_mais_profundos_que_agressao_fisica_ou_sexual.html>. Acesso em: 20 out. 2017.

CAPÍTULO 2 – SOBRE LIVRO REPORTAGEM

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004), o livro-reportagem tem um papel único de informar, de forma mais rica em detalhes, abrangente e expressiva, fatos, ideias, assuntos de cunho social. Isso significa que, independente do assunto abordado no livro-reportagem, o mesmo terá uma riqueza maior de conteúdo e detalhes.

O livro-reportagem vai além da notícia, do imediatismo que vemos todos os dias nos noticiários que, incessantemente, tentam chamar atenção com notícias alarmantes e, muitas vezes, sensacionalistas. Não estamos descredibilizando quem segue esse viés. Muitas pessoas, inclusive, acreditam que ser jornalista é aparecer na televisão com um microfone na mão e/ou informar sobre as notícias do momento. Porém, pelo contrário, existem diversas maneiras de fazer jornalismo, não significando, assim, que um livro-reportagem não será escrito por um jornalista.

Mesmo com a riqueza de detalhes e aprofundamento que o livro-reportagem oferece, o mesmo não desperta tanto interesse da comunidade acadêmica, que está mais interessada em pesquisa e análise dos fenômenos específicos do jornalismo (LIMA, 2004).

Basicamente, a função que o livro-reportagem exerce, apesar de matrizes particulares, procede, essencialmente, do jornalismo como um todo. Os recursos técnicos com que essa função é desempenhada provém do jornalismo. E o profissional que escreve o livro-reportagem é, quase sempre, um jornalista. Isto é, um comunicador social formado sob a concepção da prática de uma atividade específica de comunicação. Por conseguinte, a realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo como um todo. O jornalismo, por sua vez, está envolto por realidades maiores, externas, que condicionam seu comportamento, num jogo contínuo de ação-reação com o seu ambiente. (LIMA, 2004, p. 10, 11)

Dentro desse contexto, é interessante fazer uma diferenciação entre reportagem e notícia. A reportagem começou a aparecer no jornalismo por volta de 1920, quando foi criado um novo veículo de comunicação periódica; sendo a reportagem uma ampliação da notícia (LIMA, 2004). E o livro-reportagem a ampliação da grande reportagem.

(...) O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não- periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto

extensivo, de horizontalização do relato, que no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p. 26)

Sendo o livro-reportagem um instrumento que permite o jornalista e/ou o escritor ter mais liberdade de criação, não limitando quem o produz à um rigoroso sistema de regras e *deadlines*, fazendo do livro-reportagem uma obra muitas vezes atemporal, Edvaldo Pereira Lima (2004), faz uma classificação de diferentes tipos de livro-reportagem; sendo: livro-reportagem-perfil, procura evidenciar o lado humano do personagem; livro-reportagem-depoimento, que consiste na reconstituição de um acontecimento relevante; livro-reportagem-retrato, diferente do perfil, focaliza em uma região geográfica; livro-reportagem-ciência, com propósito de divulgação científica; livro-reportagem-ambiente, de interesses ambientalistas e causas ecológicas; livro-reportagem-história, tem como foco um tema do passado recente ou algo mais distante, porém conectado com o presente; livro-reportagem-nova consciência, tem como conteúdo temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas; livro-reportagem-instantâneo, sobre um fato imediato, recém-concluído; livro-reportagem-atualidade, aborda temas atuais, porém com final desconhecido; livro-reportagem-antologia, reúne reportagens agrupadas e publicadas na imprensa; livro-reportagem-denúncia, tem propósito investigativo, como foco em casos marcados pelo escândalo; livro-reportagem-ensaio, tem presença evidente do autor e suas opiniões sobre o tema; livro-reportagem-viagem, sobre uma viagem a uma região específica.

A classificação do livro-reportagem, que será produzido neste projeto, caracteriza-se por livro-reportagem-perfil, pois será feito a partir de histórias de vida de pessoas; mais especificamente, pessoas que sofreram violência emocional no contexto familiar.

Com base nas discussões feitas sobre livro-reportagem, torna-se quase que redundante falar sobre Jornalismo Literário. Afinal, o livro-reportagem, por ser uma maneira quase totalmente livre de se fazer jornalismo, tornar isso um produto literário acaba ficando fácil.

Por esse motivo, o livro-reportagem foi a melhor escolha para se abordar o tema principal deste trabalho; que busca por uma escrita que permita mais liberdade; não só na escrita, como também no design do produto final. E, para fazer biografias, contar histórias de vida, é necessário que haja o mínimo de cuidado e respeito para com as fontes.

O livro-reportagem é uma prática jornalística e literária de acolher com relativa folga a seguinte hipótese: biografias têm enfoque humano pela via da escrita impressa, mas algumas possuem elementos jornalísticos, como o compromisso com os fatos (passado) e com a clareza (acessibilidade). (VILAS BOAS, 2002, p. 20)

O campo jornalístico é muito extenso e cheio de vertentes, assim, cada qual segue um caminho diferente e enxerga o fazer jornalístico de maneiras diferentes também. Para uns, o ideal é correr atrás dos factuais, do que é instantâneo, junto com seu bloquinho na mão; outros já preferem se aprofundar em determinado tema, utilizando do *slow journalism*⁷, aprofundando-se em pesquisas para saber mais sobre determinado tema.

Atualmente, é muito comum encontrarmos biografias e autobiografias de pessoas diversas em qualquer livraria ou bancas. Muitas das vezes não sabemos nem que é o personagem ilustrado na capa. Vemos biografias até mesmo de pré-adolescentes estampando prateleiras de tudo que é canto. Faz-se desnecessário julgar, aqui, o que é correto ou não. Mas é certo que nos questionamos o que a pessoa com a foto estampada na capa do livro tem a dizer.

A crescente demanda por biografias no Brasil e no mundo pode ser vista sob vários ângulos. Primeiramente, o interesse do leitor demonstra que o indivíduo tem importância, o que significa restaurar, nessa complexa era digital, o ser humano preso na vasta rede de forças impessoais que estão além de seu controle. (...) As biografias sugerem o universal embutido na particularidade de um indivíduo. É como se o leitor se deliciasse com o fato “de não estar sozinho no mundo”, de poder compartilhar sua própria história com outra pessoa, não importando a época. (VILAS BOAS, 2002, p. 37)

Um dos principais motivos desse projeto, no caso o livro-reportagem, ser um compilado de biografias de pessoas que sofrem ou sofreram violência emocional, é fazer com que o leitor, caso também seja uma vítima, não se sinta sozinho. E, para que quem não sofreu, saiba ter empatia e ter conhecimento para ajudar quem sofre essa violência que é tão velada.

Portanto, para a realização deste trabalho, o produto que mais se adequa é o livro-reportagem, por se diferenciar tanto das mídias convencionais. Permitindo, assim, uma liberdade maior na produção escrita, aprofundamento do assunto por meio de entrevistas e coleta de dados, diagramação e aproximação com o público utilizando dos recursos que somente o livro-reportagem permite. Ainda mais nesse caso, em que o produto ganhará a forma de um diário. Proposta que ficaria difícil de ser realizada utilizando-se de outros veículos jornalísticos.

⁷ Na tradução literal, “jornalismo lento”. Jornalismo feito sem pressa, preocupando-se mais com qualidade que com quantidade. Disponível em: <<http://michelleprazeres.net/2017/06/29/voce-sabe-o-que-e-jornalismo-lento/>>. Acesso em: 05 out. 2017.

CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO

A escolha do tema a ser abordado aconteceu no dia do meu aniversário, quando observava e analisava a violência emocional mais de perto. Decidi, então, que queria produzir algo que tivesse uma relevância social. E, ao mesmo tempo, percebia que não existia muito material discutindo essa temática. Foi quando começaram as pesquisas para a disciplina COM390, no primeiro semestre de 2017. Porém, o livro-reportagem como produto do projeto, foi pensado depois, pois era necessário escolher qual a melhor maneira de abordar o tema. A produção do livro aconteceu durante as orientações, já no segundo semestre. Irei distribuir as etapas da criação em três tópicos, a seguir:

3.1. Pré-produção

Nesta etapa, que aconteceu durante o mês de Agosto, houve algumas mudanças no planejamento que havia sido feito anteriormente. Foi quando, junto com o meu orientador, decidimos abordar perfis (de mais de uma pessoa) ao invés de um único perfil.

Dado esse fato, as pesquisas bibliográficas tomaram um rumo um pouco diferente, onde seria necessário procurar por informações que permitiriam escrever não só sobre uma pessoa, mas sobre outras várias.

Após a definição do que seria feito de fato, começaram as buscas por fontes. Um momento de dificuldade, pois ninguém parecia querer falar de um assunto tão delicado. Cheguei a abordar pessoas do meu convívio que já sofreram violência emocional, mas as mesmas se recusavam a falar, mesmo que anonimamente. Foi quando tivemos certeza de que, se alguém aceitasse falar sobre o assunto, seria de forma anônima.

Como não conseguimos entrevista de nenhuma pessoa do meu convívio social, pedi para que amigos ajudassem a encontrar pessoas dispostas a falar, mas também sem sucesso dessa maneira.

Foi quando utilizamos da última alternativa que restava: publicar em redes sociais. Assim foi feito no Twitter e no Facebook, respectivamente. Expliquei que a identidade seria preservada. Algumas pessoas procuraram interessadas em ajudar no trabalho. No entanto, outras marcavam entrevista e não compareciam.

A expectativa era de conseguir recolher depoimentos tanto de homens quanto de mulheres, porém, só apareceram mulheres interessadas em me conceder a entrevista. Fato que consolida alguns argumentos utilizados no Capítulo 1 deste trabalho.

Em Setembro comecei a marcar as entrevistas. Foi quando, então, elaboramos um roteiro com as perguntas a serem feitas para as fontes, onde elas me diriam como e quando se descobriram vítimas de abuso, em qual fase da vida mais sofreram com a violência, uma história que as tenham marcado, como enxergam a violência, como lidam com isso atualmente, como é a relação com os pais e se a violência emocional lhes trouxe algum transtorno psicológico.

3.2. Produção

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, no mês de Setembro e todas na cidade de Viçosa. Sendo, somente uma feita em Outubro. Pedi que as fontes escolhessem um local que fosse mais confortável para elas, em que se sentiriam mais a vontade para conversar comigo sobre o assunto. Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente e gravei todas com o gravador do meu celular.

Nos momentos que anteciam a entrevista, eu conversava com as fontes sobre minhas próprias experiências, para que não ficassem desconfortáveis e soubessem que estavam falando com alguém que entenderia a situação que fosse exposta. Dessa forma, acredito ter criado uma aproximação com elas.

O roteiro de perguntas que havia sido preparado, não foi seguido rigorosamente. Pois, a partir da primeira pergunta, a maioria das entrevistadas começava a contar sua história a seu modo. Achei interessante, pois muitas perguntas acabaram sendo respondidas sem que eu perguntasse e em alguns casos até acrescentavam informações que estavam fora do roteiro.

Em certas entrevistas, senti, por parte da fonte, certo desconforto e insegurança, fato que está narrado no livro-reportagem. Percebi que isso se dava, em alguns casos, pela presença do gravador. Pois, quando o mesmo era desligado, a conversa fluía mais facilmente e as fontes me contavam coisas mais íntimas. Não questionei o porquê de isso acontecer, mas acredito que, mesmo com o anonimato, existem coisas que são delicadas demais para que a pessoa fale sabendo que será publicada em um livro. Após realizadas as entrevistas, foi feita a decupagem dos áudios para facilitar a escrita das biografias.

Enquanto iniciava o processo de escrita do livro-reportagem-perfil, em Outubro, decidimos que organizaria as fontes de acordo com suas idades: da mais nova para a mais velha. Aí, então, tive certeza que queria o design do livro reportagem o mais parecido com um diário possível. Pelo fato de serem assuntos íntimos que não costumamos contar para qualquer pessoa e também para que tornasse a leitura mais agradável e leve, mesmo com um assunto complicado sendo abordado.

Após terminar a escrita dos perfis, foi decidido que cada um deles seria um capítulo que deveria ter um nome simbólico e sugestivo. Assim surgiu a ideia de organizá-los como ciclos climáticos, conforme a sensação que cada personagem me passava ao me contar a sua história. Pesquisei pelas nomenclaturas⁸ e as mesmas foram organizadas da seguinte forma: Parcialmente Nublado; Pancadas de Chuva, Tempestade, Chuvas Periódicas e Predomínio de Sol – nessa ordem. Dessa forma percebemos que o ciclo seguia conforme a idade de cada personagem. Sendo a primeira em sua fase de descoberta da violência emocional, aprendendo a lidar com a mesma (Parcialmente Nublado); a segunda já ciente do abuso e tendo de enfrentar o problema de frente, constantemente (Pancadas de Chuva); a terceira também ciente do abuso, ainda sofrendo com ele constantemente, porém presa à situação (Tempestade); a quarta, ciente do abuso, tentando se desvencilhar dele e se afastando cada vez mais (Chuvas Periódicas); a quinta, ciente do abuso, lidou com o mesmo, mas conseguiu superá-lo e vencê-lo (Predomínio de Sol).

As biografias foram escritas em terceira pessoa, com nomes fictícios, momento de maior imparcialidade possível, deixando somente o relato de cada fonte em destaque, para que o leitor fizesse sua interpretação livremente. Porém, logo após, fiz uma observação sobre cada perfil, de acordo com o que percebi, para que o leitor pudesse se inteirar de como fora feito a entrevista e saber mais como estava cada personagem no momento da entrevista.

3.3. Pós-produção

Depois de finalizada a escrita do livro, pedi para que meu orientador, Ricardo Duarte fizesse as devidas correções. Também pedi ajuda de uma amiga, Isabela Martins, que cursa Secretariado Executivo, para auxiliar de acordo com o novo acordo ortográfico.

⁸ Disponível em: <<http://www.tempo.inpe.br/~rtempo/legenda.shtml>>. Acesso em: 05 out. 2017.

A elaboração do projeto gráfico do livro foi feita utilizando-se dos programas Adobe PhotoShop CC e Adobe InDesign CC. Com o PhotoShop fiz a capa, a imagem que estampa o começo de cada novo capítulo e também as ilustrações no decorrer do livro. As ilustrações no geral, foram escolhidas de forma que lembrassem pinturas em aquarela e que conectavam com o assunto e/ou intensidade de cada capítulo, utilizando das cores para fazer uma alusão a cada “previsão do tempo” na capa de cada capítulo. As ilustrações nos textos também ocorrem seguindo uma ordem: primeiro as folhas caem, depois vem a chuva, a tempestade com os guarda-chuvas voando, as flores começando a nascer e, por fim, florescidas. As fontes utilizadas foram Magnolia Sky, Miss Neally (a utilizada na escrita dos perfis), Times New Roman e Unicorn Flakes⁹; respectivamente. Grande parte das imagens foram obtidas no site freepik.com.

A intenção é de que o livro se aproxime o máximo possível de um diário, portanto, o texto de cada capítulo conta com uma ilustração diferente, como se simbolizasse uma etapa diferente da vida. A capa foi escolhida estrategicamente, pois apresenta algo bonito e colorido; dessa forma a intenção é fazer com que cada um reflita sobre a imagem que passamos (a capa) e o que realmente somos (o conteúdo do livro).

Para a confecção do livro em si, surgiram várias dúvidas sobre o que fazer. Como a intenção era a de parecer um diário, a primeira coisa a ser pensada era de como fazê-lo artesanalmente – uma tarefa muito difícil. Além dos orçamentos nas gráficas estarem extrapolando as condições que dispunha, talvez o produto final não ficasse da forma como gostaria. No YouTube existem vários tutoriais de como fazer um livro artesanalmente e, o que mais pareceu acessível e prático, foi a técnica que achei com o nome de Perfect Bookbinding¹⁰, que é uma técnica de produção artesanal que consiste em colar as folhas do livro ao invés de costurá-las. No entanto, as páginas foram impressas em uma copiadora de Viçosa, o trabalho artesanal foi o de montar o livro. O livro foi feito em tamanho A5, sendo a capa em papel de gramatura 180g e o miolo em gramatura 90g tendo um total de 67 páginas.

Este memorial foi escrito e concluído à medida em que produzia o livro-reportagem, portanto, a finalização dos mesmos se deu quase que ao mesmo tempo.

⁹ Disponível em: <<http://www.dafont.com>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

¹⁰ Disponível em: <<https://youtu.be/GFbgW0r7uXw>>. Acesso em: 02 nov.2017.

3.4. Cronograma e Orçamento

	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Pesquisas	X	X	X	X		
Orientação		X	X	X	X	
Busca e seleção de fontes		X	X			
Realização de entrevistas			X	X		
Produção dos textos				X		
Revisão				X	X	
Projeto gráfico/Diagramação					X	
Impressão					X	
Defesa do TCC						X

Descrição	Valor
Materiais utilizados na confecção do livro	R\$26,90
Impressão dos exemplares e dos memoriais	R\$115,15
Total	R\$142,05

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever e produzir o livro foram um grande desafio. No início do projeto, não tinha noção do quão trabalhoso seria. Conseguir as fontes foi um pouco complicado e conduzir as entrevistas de modo com que elas falassem o que era necessário para a construção do livro também.

Contudo, foi um processo de aprendizado enriquecedor. Estar em contato com essas pessoas e saber como elas lidam com seus problemas foi muito importante para mim. Nunca sabemos o que cada uma está enfrentando em sua vida e, continuar vivendo mesmo sofrendo, é uma lição de vida que quero levar pra sempre. E, no final, aparece uma luz no fim do túnel, mesmo que isso seja algo muito particular.

A intenção desde o princípio foi alertar as pessoas sobre essa violência que pouco ouvimos falar, mas que muito afeta na vida de quem presencia. O público-alvo é todas as pessoas: pais, filhos, amigos. Acredito que o ser humano precise desenvolver melhor a empatia, olhar os outros com mais amor e acolher quem precisa. E, quem está passando ou já passou por essa situação, saiba que não está só.

Devido ao interesse de várias pessoas no tema deste projeto, pretendo publicá-lo *online* para que todos tenham acesso, dessa forma fica mais fácil disseminar a informação tanto para pais quanto para filhos.

Mesmo trabalhoso, foi um trabalho gratificante. Poder falar de algo que está do nosso lado, mas que nem sempre conseguimos enxergar, me proporcionou muita liberdade, por estar tão ligada ao assunto. Me ajudou com questões pessoais e também no meu autoconhecimento.

No mais, espero contribuir num fazer jornalístico mais humano e sensato. Tocar pessoas e fazer com que revejam suas atitudes e olhem melhor para dentro de si mesmas, assim como eu consegui fazer no decorrer dessa produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANCHES, C. D.; ASSIS, S. D. **A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, p. 843-854, Mai. 2011.
- ALBERTI, V. **Literatura e autobiografia:** a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.
- AVANCIA, J. Q.; ASSIS, S. G.; SANTOS, N. C.; OLIVEIRA, R. V. C. **Escala de violência psicológica contra adolescentes.** Rev. Saúde Pública 2005; p. 702-708.
- BOAS, S. V. **Biografias & Biógrafos:** jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.
- DAY, V. P.; TELLES, L. E. B.; ZORATTO, P. H.; AZAMBUJA, M. R. F.; MACHADO, D. A.; SILVEIRA, M. B.; DEBIAGGI, M.; REIS, M. G.; CARDOSO, R. G.; BLANK, P. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações.** Rev. Psiquiatra. Rio Grande do Sul, p. 9-21, abr. 2003.
- FILHO, R. E. **Para além do arco-íris.** 2016. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.
- FONSECA, D. H.; RIBEIRO, C. G.; LEAL, N. S. B. **Violência doméstica contra a mulher:** realidades e representações sociais. Psicologia & Sociedade, p. 307-314, 2012.
- LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas.** O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Barueri: Manole, 2004.
- MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário:** a realidade de forma autoral e humanizada. Estudos em Jornalismo e Mídia – Ano VI – n. 1, p. 71-83. Jan./Jun. 2009.